

**QUANDO O  
SILÊNCIO  
GRITA**

**COLETÂNEA POÉTICA**

**MARIANA GAIOTE**

# **Quando o Silêncio Grita**

**Mariana B. Gaiote**

**2020**

Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização do(a) autor(a), pois viola a lei de direitos autorais nº 9.610/98 e pode ser punido pelo artigo 184 do código penal.

## **Capa**

Arte: Mariana B. Gaiote

Para Lívia com todo o meu carinho.

# Os gritos são ouvidos no silêncio

## Mulheres (Retrato real)

Eu sou a mulher queimada como bruxa em Salem;  
sou a periférica maltrapilha, vendendo bala no trem.

Sou a mulher que se vestiu de homem para guerrear e  
venceu;

sou a mãe pobre, cujo filho sem oportunidade morreu.

Sou o que os homens chamam de utopia.

Matar um leão é fácil, comparado à alcateia que eu mato por  
dia.

Eu sou a culpada pela expulsão do paraíso,  
pois fiz o homem provar do fruto proibido.

Sou a mulher capaz de criar uma guerra entre povos,  
nem mesmo Tróia escapou, tendo seus guerreiros mortos.

Sou quem leva a culpa por tudo;  
sou quem morre e vira número.

Sou a moça esfaqueada pelo namorado por não aceitar o fim,  
mas sou também a moça lésbica que só pertencço a mim.

Sou quem luta por direito e igualdade,  
e sou a mulher assassinada por querer trazer ao povo  
dignidade.

Sou a mãe com sangue nos olhos por ver sua filha estudante  
alvejada,  
e sou todas as mães que choram vendo tudo isso caladas.

Sou a moça morta em um aborto mal sucedido,  
e a puta que os homens taxam pelo tamanho do vestido.

Sou todas cujas vidas foram interrompidas,  
e todas as vozes das mulheres silenciadas,  
tendo as armas apontadas para as suas caras.

Sou todas que lutam,  
lutaram e lutarão.

Sou Dandara, Lélia Gonzalez, Marielle...

Sou todas elas

E, jamais nos calarão!

## ***A culpa do favelado***

A fome mata.

A fome mata todo dia,

e o descaso também mata

os pobres das periferias.

E eles?

Eles riem de nós,  
por não sabermos  
que o pobre também tem voz.

Dá um nó na garganta,  
que está quase seca.  
Não há água, não há pão,  
e não há nada sobre a mesa.

O descaso que assola,  
e o retrocesso do país;  
ao pobre, sobra esmola.

Circo, para calar o povo infeliz.

Todo dia alguém morre na favela;

todo dia nas manchetes do jornal.

Eles atiram primeiro e perguntam depois,  
mais um corpo tombado e nada de anormal.

A chuva cai...

Desmoronamentos tiram vidas no alto;  
enchentes tiram vidas no baixo,  
e no dia seguinte o político diz  
que a culpa é dos moradores de todo aquele estrago.

E de quem é a culpa afinal?

Será que para quem é pobre, recaem-lhes todo o mal?

Mas que povo mal educado! – gritou ela.

No fim, a culpa passa a ser de quem mora na favela.

Cadê o saneamento básico? Cadê?

E o caminhão de lixo?

Cadê as escolas públicas? Onde estão?